



Apresentação do “Arte em contextos políticos polarizados”, vol. 1

(Presentation of “Art in Polarized Political Contexts”, vol. 1)

(Presentación de “Arte en contextos políticos polarizados”, vol. 1)

Luci Ribeiro¹, Andrea Borges Leão², Ana Maura Tomesani³ e Gabriela Frias⁴

1. Socióloga, mestre e doutora em Sociologia, com foco em teoria sociológica, teoria social contemporânea e acervos históricos. Curadoria de atividades científico-acadêmicas no Laboratório Social da Síntese Eventos (<https://orcid.org/0000-0002-9966-9577>).

2. Profa. Dra. da Universidade Federal do Ceará e integrante da Comissão Científica do 2º Congresso Internacional e Multidisciplinar de Arte & Cultura do Laboratório Social (<https://orcid.org/0000-0001-8404-6767>).

3. Cientista social, mestre em Ciência Política e doutora em Relações Internacionais. Coordenadora da área de desenvolvimento institucional e parcerias do Laboratório Social (<https://orcid.org/0000-0001-7358-7760>).

4. Produtora cultural e Mestre em Culturas e Identidades Brasileiras, com foco em canção popular e música independente. É colaboradora do Laboratório Social.



5. O Laboratório Social tem como objetivo central tornar o conhecimento científico mais acessível, relevante e presente na sociedade, valorizando a interdisciplinaridade e o diálogo entre diferentes áreas do saber. Para isso, promove ações de divulgação científica por meio da organização de eventos que reúnem pesquisadores de diferentes níveis, profissionais experientes e lideranças de diversos setores — público, privado e da sociedade civil.

Os artigos que compõem os dois volumes desse dossiê têm sua origem no 2º. Congresso Internacional e Multidisciplinar de Arte&Cultura – Arte em Contextos Políticos Polarizados, ocorrido de 11 a 13 de novembro de 2024, exclusivamente no formato online. Realizado pelo Laboratório Social, e organizado pela Síntese Eventos, o Congresso Internacional e Multidisciplinar Arte&Cultura faz parte do projeto dos Grandes Ciclos de eventos acadêmicos, que têm por base a interdisciplinaridade entre sete vetores, sendo eles: Arte&Cultura, Economia, Educação, Poder, Sociedade, Tecnologia e Urbano⁵. A cada dois anos, um vetor é mobilizado, dando origem a um congresso multidisciplinar, cujo tema procura discutir questões sociais contemporâneas. Nessa segunda edição, o 2º. Congresso Internacional e Multidisciplinar de Arte&Cultura abordou os desafios cerceadores da liberdade artística, bem como as ações de resistência para a construção de espaços que preservem as subjetividades que sustentam o fazer artístico, em um cenário global polarizado.

Essa 2ª edição do Congresso de Arte&Cultura contou com nove Grupos de Trabalho, que mobilizaram cento e onze trabalhos apresentados, além de um espaço virtual para as Mostras de Filmes e Fotos. Temas como acervos, museus e memória; arte e

educação; arte indígena; artes plásticas e visuais; inclusão e acessibilidade cultural, audiovisual contemporâneo, literatura e suas transversalidades, música, cultura e sociedade e gestão de equipamentos culturais atravessaram todos os Grupos de Trabalho e as obras das Mostras de forma multidisciplinar, sustentando o debate em torno dos desafios do contexto de polarização política e social.

Os artigos reunidos nos dois volumes deste dossiê, selecionados pelas coordenações dos respectivos Grupos de Trabalho, refletem a densidade e a vitalidade dos debates desenvolvidos em seu interior. Embora distintos em suas abordagens e temáticas, os textos convergem em torno de uma compreensão comum: a arte e a cultura configuram-se como arenas privilegiadas de disputa simbólica e política na contemporaneidade. Apresentando-se não apenas como expressão estética, mas como prática de resistência, de transformação e defesa da democracia em meio à atual polarização política e social.

...

O texto de Juliana Rochet, “Um ponto que saiu para passear. Uma pedagogia das linhas”, torna a prática de bordados artesanais experiência de reflexão

sobre a formação de configurações de conhecimentos a partir das ligações entre textos e tecidos. Esse processo é nomeado pela autora “pedagogia das linhas”. A partir da metáfora das linhas e amarrações, práticas educativas poderiam configurar-se nas inúmeras possibilidades dos nós, transformando-as em criações artísticas. Essa abordagem metodológica, como diz a autora, coloca-se acima das certezas fixadas, uma vez que os movimentos das linhas, seus passeios, não se deixariam prender em certezas prévias e anteriores à experiência do fazer-pensar.

O caráter exploratório e relacional da arte, assim, torna-se princípio metodológico. Os Ateliês de Bordados, projeto de extensão do Laboratório Interdisciplinar de Educação, Cultura e Arte da Universidade de Brasília, sobretudo, são apresentados como experiência de conexão entre corpo, memória e ambiente. Assim, as histórias de vida contadas pelos participantes tornam-se jogos de descobertas de mundos. Ou melhor, nesse jogo da vida quando os materiais são manipulados, como as linhas e os barbantes, entra-se mais facilmente em contato com formas de conhecimento coletivas e conectadas com o ambiente mundo. As distinções hierarquizadas entre saberes e percepções, arte e ciência, criação e compreensão são, por conseguinte, postas em questão.

O leitor e a leitora verão o quanto essa experiência de construção de conhecimentos foi apropriada para o momento posterior à pandemia de Covid-19, reaproximando os estudantes do ambiente universitário em uma nova chave de relações ensino-aprendizagem por meio da arte de conectar corpo e sentidos. O texto de Juliana Rochet nos convida a conhecer o modo como se inventa uma nova forma de relação com o conhecimento acadêmico por meio da interdisciplinaridade, experimentação e reflexão crítica.

O trabalho de Igor Motta Gil, “Uma interpretação distópica do presente”, coloca em debate as funções da utopia e de seu par estrutural, a distopia, no atual estágio de desenvolvimento da sociedade capitalista. As visões e prognósticos pessimistas de catástrofes naturais e pesadelos que apontam caminhos sem volta de desumanização e barbárie, pontos sem retorno firmados por governos totalitários e guerras fratricidas, estão condensadas em narrativas que vem ganhando proeminência na lógica da indústria da cultura. Antes de tudo, tais narrativas apocalíticas, pós-apocalíticas e distópicas encontram expressão na arte e cultura, na representação coletiva e na estrutura de sentimentos, o que leva o autor a perguntar o que foi feito dos projetos de esclarecimento e emancipação.

Esse deslocamento de perspectiva analisado



no capítulo revela uma tendência no processo de civilização ocidental. E como em todo processo os polos se movimentam em relações de interdependência funcional. Uma pode se tornar a outra com sinais trocados. É o que acontece com a utopia e a distopia construídas nas obras de arte.

Quais elementos do nosso presente são projetados como futuros imaginados? Essa é uma boa questão construída por Motta Gil. Avançando na leitura, vislumbra-se uma correlação entre a distopia como estrutura de sentimento e a exacerbação do individualismo, a precarização do trabalho, a desigualdade social e o desengajamento nas formas tradicionais de fazer política. As ficções, audiovisuais e literárias, que dão forma aos medos e à perda das esperanças em qualquer futuro acabam por revelar as estruturas de poder, o controle e a segregação que de tão rotinizadas no dia-a-dia, nos diz o autor, vão se tornando invisíveis aos nossos olhos. Assim, livros e filmes conectam sentimentos e modos de ação fora das páginas e telas ganhando forma e concretude nos protestos e movimentos sociais e culturais globalizados.

O tratamento sociológico das distopias audiovisuais nos desvela as tensões no capitalismo tardio. Escapam às lógicas do mercado de bens simbólicos

voltado para a reprodução da ordem social indo num contrapelo cujos efeitos na recepção são de reflexão e de resistência. Não há nada mais apropriado para pensar o tempo presente. O capítulo segue em busca dos significados do gênero e do subgênero distópico, seja na ciência, na estética e na crítica social, apesar dos imponderáveis e pessimismos com relação ao futuro.

O artigo de Lia Souza, Suliane Cardoso e Tatiane Fabiele da Silva Bringhenti apresenta o tocante e indispensável documentário *Egresso*. Faz jus a esse dossiê contar com um artigo oriundo de um trabalho apresentando na Mostra de Filmes do 2º Congresso Internacional e Multidisciplinar de Arte&Cultura, pois ele desempenha a função de conduzir o/a leitor/a pelo processo de produção do documentário. *Egresso* exhibe as várias dimensões da discutível desinstitucionalização vivida por jovens que passaram boa parte de suas infâncias e adolescências em abrigos de proteção, e que ao completarem 18 anos, precisam deixar a instituição. De forma direta, o documentário problematiza as violações do Estatuto da Criança e do Adolescente, o limitado critério etário como único determinante para a desinstitucionalização, a ausência de políticas públicas de suporte emocional, social e econômico nessa transição. Soma-se



6. Instagram @egresso.doc;
Canal do Youtube @Lialogia
em: https://youtu.be/O2H_cWxyNeY?si=e2jFBtyyOGmW-hc_76.cWxyNeY?si=e2jFBtyyOGmW-hc_

a essas ausências, um senso comum predominante na sociedade brasileira que individualiza problemas que são sociais, entendendo os jovens como responsáveis pelos seus insucessos. Um dos méritos desse documentário é focar nas estruturas sociais e políticas que perpetuam desigualdades sociais.

Essas problematizações nos são apresentadas através da representação de sete jovens egressos em oficinas que foram elaboradas com o método do Teatro do Oprimido. Os e as participantes compartilharam suas vivências no espaço interno de acolhimento, suas perspectivas futuras; tiveram, portanto, seus lugares de fala preservados, e envolvimento em todo o processo. As vozes desses jovens adultos nos transferem para o espaço das sensibilidades, da conscientização das desigualdades sociais que estruturam o futuro de jovens egressos. O documentário pode e deve ser assistido em suas redes sociais⁶.

O artigo “O vulnerável, a escuta antropofágica e a intimidade compartilhada: esboços, rascunhos e abordagens diversas para pensar a improvisação livre”, de autoria de Juan Ignacio Ferreras, apresenta sua experiência como músico e como educador em um *workshop* sobre improvisação livre. Para o autor, a improvisação livre se constitui como um espaço de aprendizagem, em que a vulnerabilidade e a escuta

entre os participantes são centrais para a construção de relações artísticas e pedagógicas, objetivando encontrar possíveis caminhos para a compreensão de quais são, de um lado, os maiores desafios dessa prática musical e, de outro, investigar os meandros das relações que são estabelecida entre os improvisadores.

O texto de Ferreras não só reflete sobre experiências artísticas, mas também dialoga com autores que são do próprio campo da arte, como Marie Bardet, Leonard Cohen e Felisberto Hernández, por exemplo; e que compartilham ali espaço com algumas filósofas. O autor se apoia nessa bibliografia, em sua experiência de 15 anos como músico improvisador e nos workshops de improvisação livre que ministra para tentar compreender o modo de funcionar das sessões de improviso livre, quais aspectos estão envolvidos nas relações silenciosas entre seus participantes e quais são, afinal, as potências desse espaço de criação compartilhada e coletiva. Baseando-se em uma citação do músico Franco Pellini, Ferreras destaca que o principal interesse dos integrantes em uma improvisação livre é justamente o processo e as interações e relações que acontecem através dele, ou seja, a dimensão relacional existente ali.

A experiência dos participantes nos workshops



realizados por Ferreras no Brasil e na Argentina, que ele insere no texto a partir de depoimentos e observações, evidencia a potência pedagógica, em diálogo com a dimensão estética, contidas nas sessões de improviso. Terreno aberto e propício a transformações coletivas e subjetivas, a prática da improvisação tem como centrais a escuta atenta do outro, a vulnerabilidade, a abertura ao erro e a construção horizontal, elementos essenciais para as possibilidades formativas desses encontros. Ao valorizar o processo em si, a prática da improvisação é apresentada por Ferreras como um espaço não apenas de experimentação artística, mas também como uma possibilidade real de abertura ao outro e de criação coletiva.

Ao final, o texto de Juan Ferreras se articula diretamente ao tema do 2º Congresso Internacional e Multidisciplinar sobre Arte&Cultura, *Arte em contextos políticos polarizados*, pois propõe a prática da improvisação como um exercício democrático de relação intensa com o *outro*. Reafirmando a potência da arte como espaço de experimentação e proposição de outras formas de vida, o autor mostra as possibilidades de existência da escuta, da construção coletiva e do reconhecimento das diferenças, ainda que em um mundo politicamente polarizado.

